

## “VAMOS CONVERSAR SOBRE MORTE? ”: FENOMENOLOGIA EM AMBIENTE VIRTUAL COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Esther Isabella da Trindade Vieira<sup>1</sup>  
Artemis de Araújo Soares<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar sob o olhar fenomenológico os efeitos da pandemia da Covid-19 na percepção de jovens estudantes do Ensino Médio sobre as concepções corpo e morte, no sentido de captar as lógicas sociais e culturais desses estudantes na construção de suas existências ontológicas. Na metodologia adotamos o caminho da abordagem qualitativa e observação participante. Compreendendo o momento de emergência imposto pelas normas de segurança da OMS para contenção da Pandemia de Covid-19, a pesquisa não se deu em um ambiente físico, mas no ambiente digital da Plataforma Google Meet. A pesquisadora mediou a realização de oficinas em ambiente digital com o nome “Tânatos: O corpo é a obra” entre junho e julho de 2021. Como atividade final da pesquisa, as alunas foram instigadas a produzirem uma obra artística autoral a respeito de suas percepções sobre a morte. O encontro dos participantes com as diferentes percepções históricas e culturais da morte aflorou suas capacidades críticas a respeito da morte como tabu instituído.

**Palavras-chave:** Morte, corpo, fenomenologia, Covid-19 e plataformas digitais.

### INTRODUÇÃO

Com a disseminação do novo coronavírus Covid-19, o mundo reconheceu a necessidade de estabelecer medidas de segurança pela gravidade da contaminação e do impacto psicológico. Além dos óbitos em massa, as realizações de rituais de despedida foram transfiguradas, dificultando experiências de luto. Considerando os impactos psicológicos, sociais e as profundas alterações quanto a visão do corpo como meio transmissor e mudanças nos rituais de passagem, elegemos um grupo de estudantes para analisarmos as representações de corpo e morte num cenário pandêmico.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal - UFAM, esthertrindade@hotmail.com;

<sup>2</sup> Professor orientador: Pós-Doutora, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, artemissoares@yahoo.com.br

Partimos da hipótese de que a experiência que se formulou até hoje sobre o corpo e a morte já não compreende as transformações advindas com o novo coronavírus Covid-19, os impactos da implantação de medidas de segurança pública trouxeram consigo uma profunda reforma quanto aos rituais de passagem. O foco dessa pesquisa se fundamenta nos conceitos de corpo em Merleau-Ponty (2018), percepção em David Le Breton (2018) e morte na perspectiva de Philippe Ariès (2017).

Para tratar da experiência em seus múltiplos contornos, neste estudo compreende-se o corpo como um elo de ligação com mundo, e “ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 122). A concepção de corpo aqui colocada também determina uma nova perspectiva do conceito de morte, pois da mesma maneira ela não pode ser considerada fora do campo simbólico. Assim como o corpo, a experiência da morte é constituída por códigos, narrativas, valores, regras, ritualísticas.

Ao examinar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio (BRASIL, 2017), viu-se que na área de ciências sociais aplicadas que compõem Sociologia, Geografia, Filosofia e História, o documento guia a mergulhar as noções da diversidade de percepções sobre o mundo, inspirando os jovens a questionar sobre si e sobre o meio ambiente em que vivem, de modo a desenvolverem diálogos com os saberes de uma cultura distinta. Diante disso, as experiências percebidas durante a pandemia na esfera das relações humanas sugerem a reflexão sobre a possibilidade de realizar uma pesquisa que estabelecesse um contato dos estudantes do Ensino Médio com os modos tradicionais de ritos de passagem e os novos rituais que decorreram com as medidas da Organização Mundial de Saúde - OMS.

Destarte, a importância dessa abordagem justifica-se pela possibilidade de ampliar as discussões e reflexões científicas sobre o corpo e a morte articulando com as percepções dos estudantes amazonenses de um centro educacional de ensino médio. Neste sentido, o objetivo geral dessa pesquisa é a análise dos efeitos da pandemia da Covid-19 na percepção de jovens estudantes do Ensino Médio sobre as concepções corpo e morte, no sentido de captar as lógicas sociais e culturais desses estudantes na construção de suas existências ontológicas.

Os sentimentos reproduzidos pela realidade de confinamento, o temor pelo risco de adoecimento e morte, a perda de amigos, vizinhos e parentes, junto a situação de imprevisibilidade de retorno a convivência normal, tem ampliado o sentimento de

angústia existencial frente ao tema da morte. A ideia de trabalhar essas vivências com os estudantes de ensino médio tem por finalidade analisar o corpo, a vida, as angústias e incertezas que cercam o corpo em contexto pandêmico. Abordado no viés da interdisciplinaridade, o tema contornou aspectos da história, filosofia e ciência, como possibilidade de desmistificação do tabu ao qual a ideia de morte foi confinada.

## **METODOLOGIA**

Para realização deste estudo optou-se pelo caminho da abordagem qualitativa e observação participante (BORGES, 2009), de caráter exploratório e fenomenológico, que complementaram dados da entrevista profunda (BOURDIEU, 2008). A observação participante possibilita a interpretação da experiência vivida do fenômeno da morte em suas formas mais diversas, (MOREIRA, 2004) e permite a compreensão dos significados atribuídos pelos participantes da pesquisa ao fenômeno investigado, destacando o enredo e os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Ainda, a pesquisa contou com a aprendizagem colaborativa, uma metodologia de ensino que promove a interação, colaboração e participação dos sujeitos em todas as atividades. Com o avanço tecnológico e a criação de plataformas cada vez mais diversificadas, tornou-se mais interessante a experiência de uma aprendizagem com colaboração dos estudantes. Para isso as atividades planejadas e o professor devem estar preparados para situações imprevisíveis, sempre é necessário ao mediador que ele esteja aberto ao ritmo do grupo com o qual ele está trabalhando (Leite et al 2005, p.5).

Compreendendo o momento de emergência imposto pelas normas de segurança da OMS para contenção da Pandemia de Covid-19, o distanciamento social imposto de forma emergencialmente às instituições de ensino, provocaram um aumento no quantitativo de formatos de ensino não presencial. Na tentativa de responder às regulamentações emergenciais emitidas pelos órgãos públicos no que se refere a educação escolar em tempos de pandemia, as portarias nº 544, de 16 de junho de 2020 e nº 376, de 3 de abril de 2020 do Ministério da educação anunciaram a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais na educação superior e na educação profissional, respectivamente, em nível nacional, enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19 (BRASIL, 2020, p.1).

Já as ações direcionadas para a educação básica, o Ministério da Educação informa que são de responsabilidade das gestões que gerenciam os estados e municípios e que possuem dispositivos legais para adotarem condutas distintas como o regime especial de aulas não presenciais no Estado do Amazonas (SANTANA, SALES, 2020). Os autores demarcam que o nascimento do ensino remoto emergencial (ERE) a partir de situações inesperadas como pandemias e outras catástrofes o classificam como possibilidade para a prosseguimento das atividades pedagógicas com o objetivo de diminuir os prejuízos causados pela suspensão das aulas presenciais.

Nos documentos do Ministério da Educação (BRASIL, 2020, p.1) emitidos pelos órgãos públicos no que se refere a educação escolar em tempos de pandemia permanecem autorizados, excepcionalmente, a suspensão ou substituição das disciplinas presenciais por atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais. Dessa forma, optou-se pela pesquisa empírica no ambiente digital da Plataforma Google Meet. A coleta de dados foi realizada com a técnica da entrevista semiestruturada, observação participante e gravação das reuniões. Intermediados pela educação on-line, nossos instrumentos e técnicas foram adotados com um grupo focal composto de alunos do Cento Educacional La Salle-Manaus/AM. Compreendida como um complexo de ações de ensino-aprendizagem a educação on-line se representa mediada por tecnologias digitais que fortalecem práticas interativas e hipertextuais (SANTOS, 2019).

Nessa perspectiva, se percebe que a educação no Brasil foi seriamente afetada pela pandemia (DIAS, PINTO, 2020), considerando que maior parte da população não possui acesso à Internet de qualidade e notebooks. Essa realidade refletiu na decisão das redes públicas e particulares de ensino em antecipar as férias escolares como opção para não prejudicar o ano letivo. A ferramenta do ensino remoto ou a distância, neste modo, se apresentou como uma resposta temporária para atender a educação durante o período de quarentena. Ainda, o período impulsionou os educadores a utilizarem o método de gravação de vídeo aulas, atividades compartilhadas via Whatsapp, vídeos, bem como a recurso de plataformas remotas de ensino digital, como Zoom, Skype, Google Classroom e Google Meet, que protagonizaram uma revolução no ensino brasileiro. (GÓES; CASSIANO, 2020).

O uso da internet para mediar a educação é hoje indispensável, um meio que favorece diversas formas de interações linguísticas que repercutem em uma pluralização

de conhecimentos. A tecnologia influi na transformação do saber. Dominar essas plataformas como ferramenta educacional é um dos caminhos para se demonstrar interesse pelo universo dos alunos, buscando conhecer seus gostos, formação e sonhos para o futuro. Moran e Masetto (2000) concordam com a importância dessa mudança no relacionamento professor/aluno para o sucesso pedagógico da educação.

Diante do apresentado, o estudo foi realizado por meio de oficinas em ambiente digital intituladas “Tânatos: O corpo é a obra”, no período de junho a julho de 2021, com uma aula semanal por 5 dias com 40 minutos cada. Mediante a assinatura prévia de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido, os participantes e seus responsáveis foram advertidos sobre os direitos, responsabilidades, riscos e benefícios implicados na colaboração com o projeto. Posteriormente, a pesquisa se deu com um grupo focal de 4 estudantes do terceiro ano do ensino médio na modalidade de ensino regular, na faixa etária de 17 a 18 anos.

Com a apresentação em formato de aulas dialogadas e abertura para debates, explanação de imagens e trechos de filmes, as atividades contaram com um cronograma com temáticas diversificadas: Reflexões sobre a História da Morte no Ocidente; Exposição sobre os Ritos Funerários entre os Maori (Oceania), Ganenses (África) e Ticunas (América); e uma explanação sobre a História das epidemias e pandemias no mundo, onde foi apresentado sobre a história da medicina e a introdução da máscara na Idade Média.

As oficinas permitiram a introdução de entrevistas relacionadas as experiências dos participantes, em cada aula as alunas eram questionadas sobre suas opiniões a respeito do tema em questão, suas falas, gestos e sorrisos foram observados como parte de suas percepções. Acreditamos que os corpos dos estudantes transparecem de intencionalidade e não podem ser resumidos pelo ambiente no qual estão inseridos (FERRAZ, 2008), pois, esses corpos tecem sobre os impulsos, formas próprias de apreender o ambiente, tecem suas ontologias.

Em defesa de uma corporeidade, a fenomenologia ancorada a Merleau-Ponty (1999) atuou como princípio para a análise de dados, onde, em vez de examinar a essência, busca-se o significado da experiência vivida. Como atividade final do projeto, as alunas foram instigadas a produzirem uma obra artística autoral que retratasse a sua percepção sobre a morte. A comunicação dessa atividade se deu no dia 14 de julho via

Google Meet. Em virtude de uma síntese, a pesquisa atual trouxe para análise duas produções.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha do conceito de morte como base para observação das experiências em quarentena leva a proposta de um ambiente educacional conveniente para relatos dos próprios participantes sobre seus sentimentos. Variando o modo e a intensidade como se projeta no mundo, o medo do morrer é um medo que participa da existência humana em todas as culturas. Para Ariès a morte caminha pelo tempo “não fazendo distinção entre ricos ou pobres, velhos, jovens ou crianças. Ela vem a qualquer tempo e para todos” (ARIÈS, p. 27, 2017). Porém, é com a tentativa de se compreender a morte e seu fim enquanto alvo de discursos, inserida em uma dada historicidade e concebida por rupturas e continuidades, que se reconhece a necessidade de compreendê-la e retomá-la do imaginário como elemento intrínseco do/ao sujeito.

Embebecida pelo medo, é recorrente que a consciência veja a morte como “o fim da linha”, ao contrário dessa perspectiva, a aluna Fernanda Shimizu apresentou uma pintura cujas cores ressaltam sua sensibilidade:



**Figura 1:** "Vida" Pintura em lápis de cor e aquarela da aluna

*Fernanda Shimizu*

**Fonte:** VIEIRA, Esther.

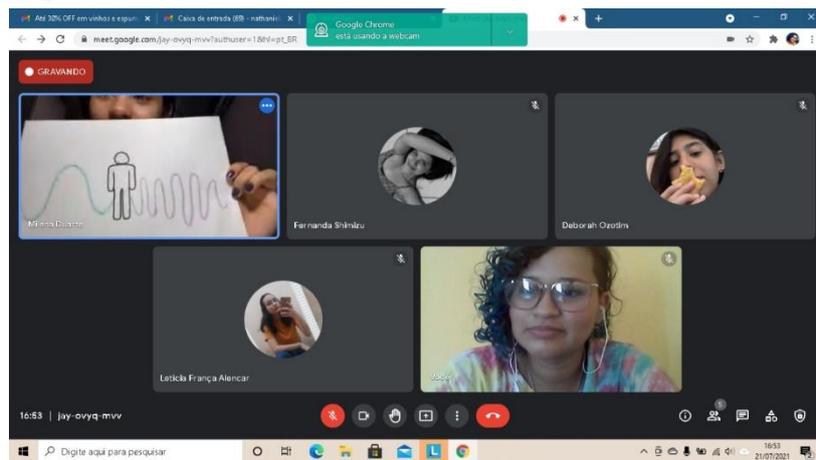
Na pintura da Fernanda, os traços e a palavra “vida” na parte inferior reafirmam a sua crença budista na vida após a morte. A aluna é descendente de uma família japonesa, e segundo seu relato, a filosofia de vida do seu avô inspirou reflexões sobre a continuidade da consciência humana além túmulo. No sentido amplo, a morte é um fenômeno da vida. Deve-se compreender a vida como uma maneira de ser do qual comunica um ser-no-mundo. Questionada sobre o significado dos números que ligam as flores no desenho, a aluna respondeu durante a apresentação via Google Meet:

Na hora que eu fiz, fazia muito sentido na minha cabeça porque eu fiquei pensando nesse lance do tempo é... Eh... as flores são vidas, tipo é diferente que esse espírito... eh ... experienciou, então seria como se fosse o tempo passando ou então... eh... acho que tem a ver com tempo. (Entrevista 1, 2021, por via remota)

A influência cultural que o avô exerceu sobre a sua percepção é o reflexo da concepção budista sobre morte. Partindo da compreensão que os rituais mortuários são singulares a cada cultura, povo e religião, sendo diferente para cada sociedade (Elias, 2001), acreditamos que o sentido deles esteja interligado a um desejo da projeção da vida para além do corpo físico. Para Pereira (2006), nessa elaboração original e sincrética dos ritos de passagem, no Japão acontece um fenômeno de separação de responsabilidades: enquanto o Xintoísmo resguarda os rituais de matrimônio e nascimento, o Budismo se responsabiliza pelo culto aos antepassados e ritos funerários.

Segundo Sato (2015), no ritual original budista deveria se repetir uma cerimônia a cada 7 dias após a morte, até o 49º dia. Contudo, hoje poucas famílias acompanham este rito tradicional, considerando que o atual costume é o de celebrar as missas de 7º dia e 49º dia. Posteriormente, se pratica a missa de 100º dia e um ano de falecimento. Depois do primeiro ano, os costumes podem variar dependendo da seita e região de origem do Templo. No Brasil, o costume é que se comemore a cada 3 anos, ou que sejam celebradas as missas de 7º, 13º, 17º, 23º, 27º, 33º e 50º anos. Após 50 anos, a crença conta que o espírito do falecido perde sua personalidade e se funde com seus antepassados (SATO, 2015).

Kubler-Ross (1985) esclarece que os pontos de vista sobre a morte, sua reprodução no aprendizado cultural, o método com o qual uma sociedade ou subcultura explica a morte, tem repercussão sobre o modo através do qual seus membros experimentam a vida. Para a aluna Milena Lima, o corpo projeta uma frequência única e após a morte essa frequência se modifica:



**Figura 2:** Apresentação do desenho “oscilações” da aluna Milena Duarte

**Fonte:** VIEIRA, Esther.

No universo da ontologia da presença que ordena antecipada uma ontologia da vida, a análise existencial da morte se inclina a uma representação da constituição indispensável da presença. Morrer manifesta o modo que o ser é para sua morte. Portanto a presença jamais finda. Para Heidegger (2005) a presença só poderá deixar de viver à medida que morre. Para a aluna, as vibrações do corpo perduram para além da finitude biológica e ecoam através do tempo e espaço, em entrevista via WhatsApp a aluna Milena comentou sobre o nome de sua obra “Oscilações”:

Porque acredito fica meio subjetivo pra pessoa que tá vendo e também tem a ver com frequências, como as oscilações de humor só que é sempre interessante levar pra um lado mais profundo. Particularmente eu gosto de obras com um nome só e reforça a ideia de guardar eles com a gente, da forma que a gente gosta, não com uma visão ruim. (Entrevista 2, 2021, por via remota)

Assim como o corpo, não se pode resumir a morte aos fenômenos da fisiologia humana porque não é o corpo que sofre, e sim, o indivíduo em toda a sua plenitude. “O corpo vivo do homem não se limita aos relevos desenhados por seu organismo; o modo como o homem o investe, o percebe, é mais decisivo” (LE BRETON, 2013, p.47). Isso quer dizer que as percepções do indivíduo sobre os fenômenos biológicos passam primeiro por uma esfera simbólica antes de representar uma biologia.

Do mesmo modo, as qualidades que a emoção agracia ao objeto e ao mundo, ela os agracia *ad aeternum* (SATRE, 2019). Como também é o modo como se percebe a morte que a constitui como tal. A filósofa Françoise Dastur (2002) acrescenta que cada pessoa tem conhecimento de sua própria finitude e esse conhecer se difere de todos os

outros saberes. Logo, se torna possível uma fala não sobre a morte, mas sobre o vínculo que o indivíduo preserva com a sua própria mortalidade. Ainda segundo a autora, essa fala é essencialmente fenomenológica, em razão de que é um discurso sobre o manifestar-se a si mesmo do caráter “concluído” de sua própria existência. Essa percepção fenomenológica não visa nenhuma concepção clínica, ela sugestiona a questão do espírito daquilo que surge, a descrever a forma pela qual o sujeito se confronta com a sua morte pessoal, subjetivando e ponderando a proporção de todas as crenças e ideias culturais e naturais do homem.

A nossa consciência vive o mundo se relacionando com ele, ela muda o corpo enquanto ponto de vista sobre o universo que não se separa da consciência, com efeito, há um mundo da emoção. Satre (2019) descreve que todas as emoções possuem em comum o dom de fazerem aparecer um mundo igualmente sombrio, alegre, cruel, apaixonante etc., mas no qual a comunicação das coisas com a consciência é eternamente mágica. Deve-se se falar em um mundo das emoções do mesmo modo que se fala de um mundo dos sonhos ou do mundo além-túmulo. Um mundo, quer dizer, narrativas singulares que acolhem entre si ligações e que conservam qualidades. Pois, toda qualidade só é agraciada a um objeto por uma travessia ao infinito. Desse modo, vivemos emotivamente uma magia que nos penetra, que nos martiriza e não cessa de nos atravessar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, em nosso estágio de civilização, a convenção social exige que as pessoas tenham autocontrole ao expressar seus sentimentos. Para enfrentar tais demandas emocionais são fornecidas umas poucas expressões e formas padronizadas de comportamento como fruto das interações sociais. Nesse sentido, é que se percebe a necessidade de abordar a pandemia e suas influências nas representações sobre o corpo e a morte. O encontro dos participantes com as diferentes percepções históricas e culturais da morte aflorou suas capacidades críticas a respeito da morte como tabu instituído. E o educador, sendo ele historiador ou não, deve ser o instigador de seus seus alunos, visto que no mundo estamos imersos em um universo que nada mais é a não ser o que percebemos (LE BRETON, 2016).

Com risco de disseminação do coronavírus Covid-19 as normas de segurança durante a pandemia rejeitam o abraço, o beijo, o cafune e todos os outros gestos involuntários ou conscientes que atravessem a fronteira de si e o outro. A pele que demarcava o mundo social no interior de fronteiras parcialmente precisas e simples, oferecendo ao vínculo social um amparo, hoje tem essa fronteira dilacerada em todas as partes. Se a face do mundo se desfigura (LE BRETON, 2013, p.213), o sujeito se esconde dentro do seu próprio corpo para tentar fazer dele um casulo seguro, em um espaço que ele conhece e controla na carência do seu espaço reprimido.

Sendo com 2 metros de distância ou a centímetros da tela de um computador a educação precisa continuar a sua missão. Em tempos de conexão a escola não é mais um espaço delimitado com lousa na parede, carteiras escolares e alunos enfileirados. A escola pode ser uma sala de Google Meet ou até um grupo no Whatsapp, não há limites físicos. São os sujeitos que atribuem significados, somos nós que reinventamos os espaços. Por fim, não sabemos quando a pandemia vai acabar, mas sabemos que a nossa determinação vai ecoar e inspirar a próxima geração de educadores igualmente persistentes.

## AGRADECIMENTOS

O presente estudo foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM), Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e com o apoio da gestão escolar do Centro Educacional La Salle-Manaus. Ademais, esse estudo não seria realidade sem a participação das alunas Fernanda Shimizu, Milena Duarte, Deborah Ozotim e Letícia Alencar.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **A história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 2017.

BORGES, M. (2009). **Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa**, in: Ramires, J. C. de L.; Pessoa, V. L. S..(Orgs.). Geografia e pesquisa qualitativa nas trilhas da Investigação, Uberlândia: Assis Editora.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Portaria nº 544/2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jun. 2020.

DASTUR, Françoise. **A Morte: Ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. **A Educação e a Covid-19**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, vol. 28, n. 108, 2020.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GÓES, C. B.; CASSIANO, G. **O uso das Plataformas Digitais pelas IES no contexto de afastamento social pela Covid-19**. Folha de Rostov, vol. 6, n. 2, 2020.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Vol. 1.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes; 1985.

LE BRETON, David. **Antropologia da Dor**. Tradução Iraci D. Poleti. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

\_\_\_\_\_, David. **Antropologia dos Sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEITE, Cristiane Luiza Köb et al. **A aprendizagem colaborativa no ensino virtual**.

Disponível em: <

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TC/C1167.pdf>> Acesso em: 09 nov. 2020.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.A.B. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MELEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**; Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MOREIRA, Virgínia. **Grupo de Encontro com mulheres maltratadas**. Estudos de Psicologia, n. v. 4. n. 1. Natal: 1999, p. 61-78. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n1/a05v04n1.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

PEREIRA, R. A. (2006). **O Budismo Japonês: sua história, modernização e transnacionalização**. Disponível em << <http://fjisp.org.br/artigo/o-Budismo-japones-sua-historia-modernizacao-e-transnacionalizacao/>>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SANTANA, C. L. S.; SALES, K. M. B. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia covid-19. **Revista Interfaces Científicas**. Aracaju, v.10, n.1, p. 75 – 92, 2020.

SATO, C. A. **Velório, cremação e enterro. Cultura Japonesa**. Disponível em: <[http://www.culturajaponesa.com.br/?page\\_id=253](http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=253)>. Texto atualizado em fevereiro de 2015. Acesso em: 10 jul. 2016

SANTOS; Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SATRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2019.